

Psicose e Desenvolvimento Humano¹

Decio Tenenbaum²

O 1º simpósio do Departamento de Investigação Psicanalítica das Psicoses ocorreu em 1998 e foi um encontro predominantemente clínico: Dr. Altamirando Mattos de Andrade e eu apresentamos material clínico que foi discutido em diferentes grupos com a nossa presença. No 2º, em 2000, discutimos as psicoses dentro do contexto do diálogo com a neurociência. Nesse terceiro vamos continuar a discussão do nosso tema, agora no contexto do desenvolvimento psicológico.

Nós da comissão organizadora julgamos que seria de alguma utilidade situar a discussão que teremos logo a seguir porque a noção de desenvolvimento não é simples e perpassa várias disciplinas afins com a psicanálise. Desenvolvimento pressupõe transformação de algo mais simples em algo mais complexo e, em se tratando de sistemas biológicos, o desenvolvimento tem sido sempre pensado num contexto teleológico.

Nos diferentes estudos – psiquiátricos, psicanalíticos e sociológicos - sobre a eclosão de uma psicose existem basicamente duas hipóteses: ou é atribuída importância à intensidade de fatores constitucionais (tais como baixa ou nenhuma tolerância à frustração, intensidade da agressividade, índices séricos de alguma substância, alterações genéticas e etc.), os quais impediriam e/ou desorganizariam o funcionamento mental de um determinado indivíduo ou então são os fatores ambientais, ou melhor, é a interação ambiental que é responsabilizada pela interferência na constituição e no adequado funcionamento do aparelho mental de determinada pessoa.

Dependendo da teoria empregada, os diferentes quadros psicóticos são descritos como tendo início ou em épocas específicas do desenvolvimento (adolescência, início da idade adulta, início da velhice, etc), ou em situações especificamente mais pessoais e relacionadas a perdas ou a aquisições significativas, ambas implicando em alterações na esfera da identidade da pessoa em questão. Assim, nas situações pessoalmente específicas (mudanças significativas - para melhor ou para pior - com implicações na esfera identitária) o fator adaptativo (ou a falha dele) é evidente, enquanto que na abordagem das doenças mentais que

¹ Texto de abertura da “Jornada Psicose e Desenvolvimento” do Departamento de Investigação Psicanalítica das Psicoses da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, maio/2002.

² Membro Efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

privilegia a hipótese do fator “épocas específicas” (adolescência, início da maturidade, etc.) os fatores constitucionais acabam sempre se tornando os mais importantes.

Essas duas abordagens não precisam ser tomadas como excludentes. Se mantivermos uma certa independência, saltará aos nossos olhos um fato pouco falado, mas facilmente observável: mesmo nas chamadas épocas específicas do desenvolvimento, as mudanças biológicas que acontecem são necessárias para a eclosão e sustentam os novos comportamentos, os quais estão sempre relacionados com a preservação da vida, seja a da espécie (acasalamento, reprodução, etc.), seja do indivíduo. Como, psicologicamente falando, preservação do indivíduo é preservação da identidade, a conclusão é óbvia: nós humanos estamos sempre tendo que lidar (psicologicamente) com pressões decorrentes da necessária adaptação pessoal às mudanças biológicas e sociais pelas quais estamos sempre passando. Essa é a característica básica do desenvolvimento humano. Infelizmente o conceito de adaptação não é bem entendido pelos psicanalistas porque ele não costuma ser articulado com a noção de desenvolvimento.

Se, é verdade que ainda não estamos em condições de responder com precisão se o surgimento de uma psicose está na dependência de possíveis falhas nos processos bioquímicos envolvidos nas mudanças biológicas ou nos processos psicológicos gerenciadores dos comportamentos finais desencadeados pelas mudanças biológicas, as respostas a estas questões passam necessariamente pelo maior conhecimento sobre o desenvolvimento humano: biológico, psicológico e social.

Acredito que conhecendo melhor o desenvolvimento humano vamos conseguir vencer essa aparente dicotomia entre as concepções sobre a eclosão das doenças mentais. Pode-se aproximar essas duas perspectivas através do conhecimento de um elemento que é comum às duas: de qualquer ângulo que se estude o desenvolvimento humano, vamos encontrar sempre as tensões decorrentes da interação entre os aspectos biológicos, psicológicos e sociais. No momento não vou falar das tensões biológicas (que se expressam através dos mecanismos biológicos estudados por Hans Selye em sua Síndrome de Adaptação Geral) e nem das tensões sociais (que se expressam no diversos movimentos grupais). Vou me limitar a apenas introduzir o tema relativo ao estudo das tensões psicodinâmicas características e específicas do desenvolvimento humano.

Nesse sentido, a Psicanálise foi a primeira a propor a existência e a estudar o funcionamento de um sistema mental responsável pela operacionalização da necessária articulação entre o programa genético, os programas adaptativos³ e o ambiente, programa este que se desenvolve na própria interação ambiental. E essa é a característica fundamental desse sistema: o programa gerenciador do funcionamento mental se desenvolve na, e através das relações pessoais, também sofrendo as vicissitudes da interação para a qual é criado para gerenciar. É esse sistema que articula a nossa existência através do mundo subjetivo e do mundo objetivo, transformando os fatos vividos em experiências existenciais e possibilitando o nosso trânsito pelos espaços social, pessoal e íntimo. Do ponto de vista psicanalítico, a psicose nada mais é do que a institucionalização⁴ da falência deste sistema operacional, por nós chamado ego. Esse é o dado essencial que é presente em todos os quadros psicóticos.

Duas têm sido as perspectivas nas quais o desenvolvimento individual tem sido estudado pela Psicanálise:

a) Na perspectiva fenomenológica, o desenvolvimento psicológico individual vem sendo estudado a partir da diferenciação de suas diversas etapas, evidenciadas a partir de semelhanças e diferenças que se repetem sistematicamente. Assim, uma vez diferenciadas, infância, adolescência, idade adulta e velhice, são estudadas em suas características próprias. Nessa concepção, o desenvolvimento se dá através da sucessão dessas diferentes etapas e impulsionado pela força vital. A perspectiva fenomenológica é a que mais se presta às generalizações necessárias para os estudos estatísticos e nosológicos.

b) Na perspectiva psicodinâmica, esse desenvolvimento é concebido como a estruturação de um sistema complexo, no qual as etapas anteriores sustentam e persistem nas posteriores. Etapas diferenciadas e estanques cedem a vez para os diferentes e articulados níveis de organização psicossocial. São vários os elementos que eliciam, facilitam, complicam e perduram na evolução dos diferentes níveis organizacionais, sendo a tensão um elemento inerente ao processo, que é sempre estritamente relacional e individual.

³ Alguns exemplos: programa de interação ambiental, programa gerenciador da consciência, programa gerenciador da realidade (objetiva e subjetiva), programa gerenciador da articulação entre os diversos sistemas identitários, etc.

⁴ Com isso quero dizer que não basta a ocorrência de fenômenos mentais psicóticos para termos uma psicose. Vale a pena insistir que a psicose, em qualquer forma de apresentação, precisa da ocorrência de outros fenômenos (sociais ou ambientais, isto é, da interação humana e orgânicos-cerebrais) para se instituir.

Para citar apenas algumas das várias tensões e desafios inerentes à constituição desses diferentes níveis de organização psico-social vou seguir a sistematização criada pelo Dr. Abram Eksterman no seu ensino de Psicologia Médica para estudantes de Medicina e de Psicologia.

Assim, basta lembrar que o processo de desenvolvimento psico-social de uma criança se inicia no período gestacional, quando os futuros pais atualizam antigas e constroem novas fantasias e aspirações sobre ser pai/mãe e o futuro bebê. Inicia-se um novo ciclo organizacional, o ciclo peri-natal, com as mudanças que a chegada do bebê provoca nas relações pré-existentes ao nascimento. Estruturando-se nos anteriores, o ciclo diádico é de importância fundamental para a criação do espaço de segurança desse novo ser, e o sucesso no estabelecimento deste novo padrão relacional é considerado básico para o desenvolvimento do sentimento de existência. Suas falhas servem de base para as mais graves patologias mentais, as de expressão psicossomática e psicótica. O sucesso no estabelecimento da relação triádica inaugura outro ciclo organizacional, o ciclo edípico, que é básico para o desenvolvimento do senso de identidade e para a divisão do mundo mental, por sua vez fundamentais para o desenvolvimento dos ciclos posteriores, cada vez mais complexos. A entrada na escola, expandindo o nível de relacionamento, de entendimento e de comunicação, inaugura um novo ciclo, o ciclo social. Nessa etapa começam a se definir mais claramente os contornos dos diferentes, espaços existenciais: o espaço social, o espaço pessoal e o espaço íntimo, cada um com sua especificidade relacional. Outro nível organizacional, o ciclo passional, é desencadeado pelas mudanças corporais da puberdade. As tensões ligadas ao luto pela infância, à aceitação do corpo biológico com suas características e limites, à dolorosa conquista do espaço social e da identidade são sempre vividas de modo apaixonado e conhecidas de todos. A tudo isso se segue a entrada na maturidade com suas tensões pela realização pessoal, profissional e afetiva. A crise do meio da maturidade prenuncia o ciclo final que é eliciado pelas novas mudanças corporais da meia idade. Segue-se a crise da aposentadoria, a perda de funções, a despedida e a morte.

Salvo em casos de patologias específicas, o desenvolvimento orgânico se processa independentemente da qualidade do processo de desenvolvimento psico-social, o que por si só já engendra enormes tensões psicológicas para o indivíduo. Além disso, como vocês viram, nosso desenvolvimento psico-social é repleto de desafios e tensões, cada uma delas capaz de criar falhas, lacunas e até de desorganizar o funcionamento da mente. A vida é assim, o indivíduo se constrói no seu desenvolvimento.

Para complicar mais ainda, e como já falei, não há como pensar o desenvolvimento de um sistema biológico fora de um contexto teleológico. Afirmo que essa é uma complicação porque nem todos do nosso meio aceitam pensar nessa perspectiva, embora não haja como fugir dela. Entre os que a aceitam não há um consenso claro quanto a qual seria o objetivo final do desenvolvimento psicológico. Precisamos enfrentar esse desafio e especificá-lo na perspectiva psicanalítica. Seguindo vários autores de diferentes campos do saber podemos pensar que, teleologicamente, o desenvolvimento psicológico aponta na direção da plena capacidade de ser consciente: de si (identidade), dos outros (a consciência ética) e do ambiente (a consciência ecológica).

Última, pelo menos até o momento, das aquisições decorrentes do processo evolutivo da vida, o pleno funcionamento desta capacidade ainda é uma aspiração. Nós psicanalistas mais do que nenhum outro profissional sabemos como é árdua a conquista desta capacidade, ponto alto do desenvolvimento humano e chave para a vida em nível humano. Seu pleno funcionamento está diretamente relacionado à necessária articulação dos 3 sistemas que nos constitui: o biológico, o psicológico e o social, gerenciada pelo sistema operacional por nós conhecido como ego. Para muitos, as doenças mentais são resultados de fracassos no desenvolvimento desta capacidade.

Hoje nós vamos apresentar para discussão exemplos de situações existenciais que ultrapassaram a capacidade de elaboração de determinadas pessoas em determinados momentos de suas vidas. Para entendê-las e ajudá-las é preciso tanto conhecer as características de cada etapa do desenvolvimento psicológico, assim como a maneira dinâmica como essas etapas se articulam em nível histórico individual e se sustentam no grande desafio que é viver com consciência de si, dos outros e do ambiente.